



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6461 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT16 - Educação e Comunicação

REDES DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE: CARTOGRAFIA DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NOS GRUPOS DE PESQUISA

Cláudia Regina Dantas Aragão - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

## **REDES DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE: CARTOGRAFIA DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NOS GRUPOS DE PESQUISA**

### **RESUMO**

Este texto é fruto de reflexões e inquietações iniciais da pesquisa de doutorado em andamento que apresenta como questão central: que redes são estabelecidas pelos grupos de pesquisa certificados de uma instituição de ensino superior pública, a partir dos seus processos comunicacionais, tendo em vista a difusão do conhecimento na universidade? A pesquisa tem como princípios epistemológicos, a multirreferencialidade (ARDOINO, 1998) e o Rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa e, como método a cartografia que possibilitará perceber relações comunicacionais que se estabelecem e são tensionadas nos grupos de pesquisa, com o intuito desvelar as redes de difusão do conhecimento. Ainda não temos resultados, pois a pesquisa se encontra em desenvolvimento, apresentaremos aqui as primeiras reflexões sobre os princípios epistemológicos e metodológicos, as principais categorias teóricas que norteiam a pesquisa e as percepções e achados desta caminhada, ainda em construção.

**Palavras-chave:** Cartografia. Processos comunicacionais. Grupos de pesquisa. Redes. Difusão do conhecimento.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na sociedade contemporânea, o conhecimento transformou-se em um bem essencial. A universidade, como centro de produção e difusão desse bem, desempenha um papel fundamental nesse cenário. É no meio acadêmico que diferentes saberes são sistematizados e validados, transformando-se em patrimônio público, estabelecendo-se como um elo formativo junto a diferentes segmentos educacionais, como a educação básica e a sociedade em geral.

Em nosso país, a maioria dos esforços de desenvolvimento técnico-científico, tecnológico e formação de recursos humanos qualificados tem sido intermediada pela universidade articulando ensino, pesquisa e extensão.

Entretanto, não basta produzir conhecimentos que não são disseminados. Para que os saberes possam atingir a sociedade e beneficiar as comunidades, deve-se pensar nos melhores meios de difusão nos âmbitos interno e externo à academia. Em uma instituição pública de ensino superior como a pesquisada, com características peculiares trazidas pela multicampia[1] – alto grau de complexidade, estrutura, gestão, administração acadêmica e processos de comunicação micros e macros – esse desafio é ainda maior e aumenta a relevância deste tema, pois gerir e difundir o conhecimento produzido corresponde ao desenvolvimento da comunidade acadêmica e, conseqüentemente, da sociedade. Nesse sentido, como ampliar a difusão de discursos, saberes e conhecimentos produzidos na universidade?

Assim, proposta inicial desta pesquisa está em perceber o campo da comunicação enquanto potencializador de redes para discutir/pensar as possibilidades de difusão do conhecimento na universidade.

## 2 PROCESSOS COMUNICACIONAIS

Para a compreensão dos processos comunicacionais, buscaremos, ainda de forma inicial e incipiente, a abordagem dos ecossistemas comunicacionais, abordagem que vem sendo desenvolvida por meio de pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM), cuja área de concentração é denominada “ecossistemas comunicacionais”. Trata-se de um campo de estudos que focaliza a diversidade e ao mesmo tempo a unidade de fenômenos interconectados e interdependentes, que envolvem as práticas comunicativas, instituindo processos em rede que tensionam as fronteiras disciplinares da investigação científica frente à complexidade do objeto, exigindo pesquisas inter e transdisciplinares. Requisita-se, então, uma compreensão científica que considere o mundo não a partir do isolamento e da fragmentação de suas partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade, seja ela natural, social, cultural ou tecnológica, seja percebida e investigada a partir das relações de interdependência.

Desse modo, os processos comunicacionais, nesta pesquisa, podem ser percebidos como ecossistemas comunicacionais.

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura. (PEREIRA, 2011, p. 51)

A perspectiva dos ecossistemas comunicacionais contribui para a compreensão da comunicação enquanto fenômeno complexo que entrelaça sistemas sociais, naturais e tecnológicos.

### 3 AS REDES E A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Para a compreensão dos processos comunicacionais implicados na difusão de conhecimento, buscou-se aporte teórico no referencial epistemológico da Análise Cognitiva (ANCO), que, segundo Fróes Burnham (2012), apesar de ser um campo novo de conhecimento, apresenta contribuições relevantes para a socialização do conhecimento e pode ser compreendida como:

Um triplo campo teórico-epistemológico-metodológico, que estuda o conhecimento a partir dos seus processos de construção, tradução e difusão, visando o entendimento de linguagens, estruturas e processos específicos de diferentes disciplinas, com o objetivo de tornar essas especificidades em bases para a construção de lastros de compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial, com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva aberta ao diálogo e interação entre essas diferentes disciplinas/ciências, de modo a tornar conhecimento privado de comunidades científicas, epistêmicas ou cognitivas em conhecimento público. (FRÓES BURNHAM, 2012, p. 64)

O campo da Análise Cognitiva apoia-se nas abordagens epistemológicas da complexidade Morin (2015) e da multirreferencialidade Ardoino (1998). Na presente pesquisa, os estudos sobre a ANCO possibilitarão a ampliação do olhar sobre o campo de pesquisa, os grupos de pesquisa da universidade compreendidos como comunidades epistêmicas que segundo Fróes Burnham:

se constituem em espaços que trabalham profissionalmente com a produção do conhecimento segundo normas específicas, rigorosas, com base em referenciais explícitos, validados e legitimados por pares, atendendo a critérios definidos e consensuados. (2012, p. 60)

Pensar tal questão em rede é particularmente aplicável ao objeto e campo empírico desta pesquisa, em que o fazer científico-tecnológico apoia-se em redes de colaboração entre sujeitos, projetos e instituições, mediado por intensa integração das TIC e constituindo um emaranhado de redes sociais e técnicas (RECUERO, 2009).

### 4 PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

A metodologia é um importante guia para a pesquisa, mas não deve engessá-la, pois o olhar do pesquisador deve estar atento às nuances que o seu objeto de pesquisa apresenta. Entendemos que a prática científica, caso esteja comprometida com o seu potencial, amplia nossos olhares e perspectivas e pode nos possibilitar a desconstrução de lógicas de opressão, engessamentos teóricos, preconceitos e estereótipos. Assim, percebemos a relação entre sujeito e objeto como sendo complexa, entendendo tal complexidade não como sinônimo de complicada, difícil, mas apreendida como algo que não se reduz a unidades simplistas de explicação, requerendo olhares plurais em uma ação que não comporta mais a fragilidade da dicotomia que separa sujeito e objeto, pensamento e ação, teoria e prática. Por isso, fazer pesquisa implica um contínuo processo de construção e desconstrução de caminhos, trilhas, procedimentos e métodos, além de pensar criticamente sobre a práxis científica.

Como então buscar uma forma de conhecer os processos comunicacionais e às redes de difusão do conhecimento, no âmbito de uma instituição universitária multicampi? Tentando conhecer o objeto a partir de uma visão complexa, plural e múltipla, que desse

conta das áreas de conhecimento que conformam o objeto – a comunicação e a educação –, elegemos, inicialmente, a abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998), que requer, também, uma leitura complexa para abordar do objeto (MORIN, 2015).

A opção epistemológica adequa-se à proposta desta pesquisa, a partir da compreensão da multirreferencialidade como:

[...] a abordagem multirreferencial propõe-se a uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referências distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos. (ARDOINO, 1998, p. 24)

A abordagem multirreferencial pressupõe a conjugação de uma série de abordagens, mas de forma a não se reduzirem umas às outras, levando-nos a um tipo de conhecimento que se diferencia daquele que foi concebido na ótica do cartesianismo e do positivismo, e caracterizando-se, principalmente, pela pluralidade e a heterogeneidade. Assim, a “multirreferencialidade está no processo do pensamento, na mobilização do pensamento fazendo-se” (BERGER, 2012, p. 27). No processo de pesquisa, a multirreferencialidade a que o autor se refere não é, a priori, um tipo de agrupamento de determinado número de competências estruturadas, mas está muito mais no movimento da pesquisa, de todo o movimento do pensamento. Isso nos leva, no caso especial desta pesquisa, a trazer, também, como pressuposto epistemológico, a ideia de rizoma, a partir de Deleuze e Guattari (2011). Esta concepção nos ajuda a abordar a complexidade dos processos comunicacionais dos grupos de pesquisa de uma universidade *multicampi*, e o movimento das possíveis redes de difusão deste conhecimento.

O rizoma caracteriza-se pela capacidade de gerar novos ramos, de se espalhar em múltiplas conexões sem centro, sem hierarquia. Essa ideia, tomada por Deleuze e Guattari (2011), na introdução do livro *Mil Platôs*, é apresentada como um olhar estratégico, que opera a partir de diferentes princípios daquele unitário, estrutural e disciplinar característicos da árvore-raiz. A noção de rizoma, para além de um conceito, é uma forma de pensamento, a forma como nos deslocamos diante de realidades plurais. O rizoma constitui-se como um sistema acentrado e não hierárquico, pois cria fluxos transgressores que não respeitam a ordem e a fixidez de caminhos previamente determinados.

A partir do que já foi apresentado, optamos pela pesquisa qualitativa como base norteadora e que se constrói em um olhar complexo sobre o seu objeto. A ideia, como diz Morin (2015), é que o pesquisador se observe enquanto observa, construindo socialmente o seu olhar, considerando a sua historicidade, espacialidade e temporalidade.

O qualitativo vai transcender a questão do método, da técnica [...] algo de onde emana certo poder e se disponibiliza para produzir sentido, que tem direções e revela opções e ideários de como tratar com a produção de conhecimento em níveis da emergência dos sujeitos humanos, em níveis de uma política de conhecimento que aí se realiza. (MACEDO, 2007, p. 85)

Seguindo os princípios da abordagem qualitativa e, como já dissemos, por tratar-se de uma análise plural, aberta, rizomática e multirreferencial dos processos comunicacionais como potencializadores de redes de difusão de conhecimento, uma questão nos desafia: quais redes são estabelecidas nos grupos de pesquisa certificados da instituição pesquisada, a partir de seus processos comunicacionais? Tal inquietação nos encaminhou ao método cartográfico,

como possibilidade inicial de adentrar o território da pesquisa.

A inspiração que buscamos na cartografia está voltada para os campos das ciências sociais e humanas e, mais que o mapeamento do território, no seu sentido físico, pretendemos acompanhar processos comunicacionais, conexões que não se referem a método como proposição de regras e procedimentos, mas como estratégia de análise para perceber relações comunicacionais que se estabelecem e se tensionam nesse território. A cartografia é buscada como uma possibilidade de aproximação abrangente dos fluxos, linhas e forças que compõem o mapa de determinado território. Por território, compreende-se, aqui, a partir de Deleuze (2011) as paisagens psicossociais nas quais o pesquisador está interessado e que podem ser percorridas através de múltiplas entradas, marcando caminhos e movimentos, constituindo-se de modo rizomático.

## 5 RESULTADOS INICIAIS

Para conhecermos o campo, lócus e dispositivos desta pesquisa, e com o propósito de desenvolvê-la a partir da abordagem multirreferencial e rizomática, propomos, inicialmente, a construção de uma cartografia como estratégia de aproximação dos grupos de pesquisa da instituição pesquisada.

A cartografia como um método que vai sendo construído processualmente, utiliza pistas como referências que “concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio caminhar no percurso da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 13). As pistas permitem descrever, discutir e coletivizar a experiência do cartógrafo (KASTRUP, 2009). Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco (2009; 2016) sinalizam pistas do método cartográfico, que são independentes, mas conectadas entre si. Vamos utilizar algumas dessas pistas como dispositivos desta pesquisa.

Na pista da “atenção”, trabalhada por Kastrup (2009), aborda-se o funcionamento da atenção na cartografia. Esse aspecto é destacado, tendo em vista o trabalho do pesquisador/cartógrafo. Ele não vai a campo para coletar dados como algo que já está lá pronto e à espera de alguém que os colha e analise. Como nos aponta Kastrup (2009) a partir de Merleau-Ponty (1999), a atenção, não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo. Um caminho indicado por Kastrup está na “adoção da ‘atenção à espreita’ – flutuante, concentrada e aberta – que utiliza todos os sentidos” (2009, p. 48). Desse modo, a autora nos oferece quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreo, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreo diz respeito à “varredura do campo”, para localizar pistas; o toque diz respeito a algo que acontece e exige atenção; o pouso acontece quando a atenção realiza uma parada e o campo se fecha numa espécie de zoom, formando um novo território, reconfigurando o campo de observação e, por fim, o reconhecimento atento que, acionado pelo pouso, instiga a questão “o que está acontecendo?” Em seguida, retoma-se a circularidade presente nos modos de atenção.

Em 2019, fizemos um primeiro "rastreo" uma “varredura inicial” no campo desta pesquisa. Fizemos então um “pouso”, nossa atenção voltou-se para o fechamento do campo, numa espécie de “zoom” buscando dados mais recentes sobre os grupos de pesquisa da instituição pesquisada. Assim, a partir de relatório do banco de dados do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, obteve-se as seguintes informações preliminares:

- Grupos de pesquisa certificados – 150

- Grupos de pesquisa aguardando certificação – 9
- Grupos de pesquisa em preenchimento – 46

Assim, a nossa atenção modifica-se para o “reconhecimento atento”, pois somos atraídos por algo que obrigou o pouso da atenção e a reconfiguração do território de observação para perceber os grupos de pesquisa certificados da instituição pesquisada. Quais são? Em que áreas de conhecimento atuam? Em que território estão localizados? Existem redes de conexão entre eles? Nos interessa a verificação dos pontos de comunicação entre os grupos de pesquisa, percebendo os processos comunicacionais entre e intragrupos, verificando os seus interesses comuns e estabelecendo os nós da rede. Inicialmente, pensamos na produção dessas informações a partir de um questionário misto on-line, com os coordenadores dos grupos de pesquisa certificados, mas estamos ainda em fase de construção desse dispositivo.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir do que foi inicialmente apresentado, vamos estabelecendo relações e buscando pistas de modo a aprofundar teórica e metodologicamente o objeto pesquisado. Salientamos que é necessário amadurecimento e o aprofundamento do corpus teórico, assim como dos dispositivos e os próprios procedimentos que constituem a cartografia. Acrescente-se a isso um olhar flexível sobre a realidade que se dá num contexto em que a contradição deve ser incluída no processo de construção. Pensar a universidade nesta perspectiva requer desprendimento, rompendo com um conhecimento universal e paradigmático. No dizer de Macedo:

As ideias de reflexão e inspiração emanam, acima de tudo, da necessidade de explicitar pressupostos e referências e do cuidado crítico com a pluralidade, a abertura ao inacabado e a realidade empírica construída e reconstruída por seus atores. (2000, p. 35)

Espera-se assim, perceber como os processos comunicacionais são estabelecidos, como circulam, como podem ser potencializadores de redes de difusão de conhecimento. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão, a construção de indicadores para a difusão de conhecimento na universidade, no sentido de transformação da realidade investigada e de geração de novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCAR, 1998. p.24-41.

BERGER, Guy. A multirreferencialidade na universidade de Paris Vincennes à Saint-Denis: o pensamento e a práxis de Jacques Ardoino. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio. (Orgs). **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34, 2011.

FRÓES BURNHAM, Teresinha e coletivo de atores. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação a distância, e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo, Diversidade e Equidade**. Salvador: EDUFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: 2016. (v. 2).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, M.F. Ecosistemas comunicacionais: uma definição conceitual. In: MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.L.; FILHO, O. A. (Orgs.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

---

[1] A instituição pesquisada possui vinte e nove departamentos distribuídos por vinte e seis campi, presentes em vinte e seis municípios do estado da Bahia. Sua estrutura *multicampi* atual é constituída por 130 cursos de graduação de oferta contínua, 46 cursos em programas especiais de formação e 19 cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

